

«Saúde Pública Comprometida»

12-08-2013

Não se impressiona, mas assusta. A interpretação desta mensagem é intolerável, aflitiva e preocupante sobretudo, quando se trata de comprometer os direitos humanos e a saúde pública num Estado democrático pertencente à Comunidade Europeia.

Já vi muitas coisas no mundo. Uma delas, e não das menos dolorosas, é ter visto bocas abrirem-se para falar ou talvez apenas balbuciar, e simplesmente não conseguirem por não poderem falar com medo e angústia das represálias que pudessem detomar.

No entanto, num país civilizado e do direito como é o nosso, em que a tirania e a opotência do Estado Novo é pertença do passado, o que se tornou importante para mim foi, através da escrita, a de pedir socorro e, por pura bondade e sentido de justiça dos leitores e instituições com poder, o socorro ser dado. Eu já pedi socorro. E nunca me foi negado.

Um amigo meu que fez voz forte, convincente e carinhosa, perfeitamente intimou-me a não ter medo, e exprimi através das minhas palavras vivas o que via, o que sentia, o que me revoltava, o que me emocionava, palavras essas que juntas formariam um hino que precisava ser dado a combater ao Mundo, com o objectivo de parar o que está mal, corrigir o que de mal foi feito e tentar, dentro do possível, apaziguar e sarar as cicatrizes que falam mais alto que a lágrima do machado que as consola.

Vou dizer a verdade, a pura e inocente das verdades: estou triste e despojado. Tenho a fala embargada. Preciso mesmo de soltar o grito silenciado, de libertar a verdade cruel que me sufoca.

Todo aquilo que muitos presos, por medo, angústia, cansaço, dor, desconhecimento, resignação, silêncio reprimido, nunca têm-de revelar à sociedade as atrocidades que os sistemas prisionais lhes proporcionam.

O que eu quero revelar é tão delicado, tão inexplicável, tão desumano, quanto a própria vida. E eu vou usar a delicadeza que tenho em mim, ao lado de ética e conduta desontológica de farmacêuticos que me orgulho de ser que é o que me salva.

Que ven dos muitos pedidos do Estabelecimento Prisional de Lisboa. Estão detido há cerca de cinco meses, agora que estamos em Agosto. A minha prisão preventiva, punitiva e castadora, destruiu uma família estranha feliz. Também a minha querida esposa, farmacêutica e sócia de uma empresa, se encontra detida em Tirs. Este é um mundo desconhecido para a nossa história de vida.

Felizmente temos lutado, contra a corrente, convictos de nossa inocência, fortes, combativos, resistentes, atributos que durante o nosso percurso de vida de mais de trinta anos permitiram construir o que muito nos orgulhamos.

A nossa descendência resume-se a dois filhos, um rapaz e uma rapariga, hoje maiores de idade mas ainda dependentes do carinho de pai e de mãe. Sentem-se desamparados, desamparados, impotentes e revoltados com aquilo que observam: sem acusação provada, o sistema judicial português submete os seus pais a castigos e privações como se de criminosos se tratasse (veja-se crónicas: "Com mágoa o digo"; "A Injustiça de Justiça").

Pois bem, a minha revelação desta vez é aterradora, sobretudo para um cidadão e profissional de saúde que como eu preza e defende que a qualidade dos produtos, quaisquer que sejam, dispensados e consumidos pelo público, deverão obedecer a um rigoroso e credível controlo de qualidade antes de serem usados ou consumidos.

Em pleno Verão deparei-me, certo dia, com a recepção de um género alimentar, mais especificamente um queque, acondicionado devidamente em embalagem unitária de plástico, fazendo parte daquilo que se denomina "reforço nocturno", que me incendiou a curiosidade. Por defeito de formação académica, sou um adepto fervoroso de controlar os preços de validade, a composição qualitativa e quantitativa de tudo o que consumo. De repente fiquei paralisado olhando para a embalagem totalmente fechada, misturando perplexidade, indignação, revolta, temor, inocência mortalmente ferida. Mentalmente eu gaguejava: como pode isto suceder? por que razão a embalagem não tem inscritas as informações exigidas pela lei? por que não tem inscrita a composição, lote e validade? Qual o papel das entidades fiscalizadoras? E se algum produto, menos atento, é alérgico a algum dos componentes (ex: glúten)?

O choque foi tão grande, as perguntas no meu pensamento sucediam-se sem resposta, a incredulidade instalara-se no meu espírito. Para mim, aquele instante transformara-se num pesadelo: o episódio dentro desta imbitijã voltava a repetir-se sucessivas vezes, expondo os reclusos (muitos) a um risco de saúde imperdoável, condenável, resultante de falta de um sistema de controlo de qualidade interno adequado.

Várias eram as minhas preocupações, ora como cidadão ora como profissional de saúde. A primeira, a prioritária, decorria dos efeitos nocivos que tal episódio poderia desencadear sobre a saúde dos reclusos após a ingestão de um produto alimentar sem lote nem validade, logo suspeito. Curiosamente, o mesmo produto alimentar semanas antes distribuído tinha a composição, lote e validade incritos na embalagem, contrastando com os distribuídos, à posteriori; quero dizer, distraidamente, cheguei a ingerir um bolo dentes acondicionado sem composição, lote e validade pro, desde logo, me alertou os sentidos para a sua inferior qualidade: mais pequeno, mais seco, que se desfarrinhava com facilidade e sem saber, logo suspeito!

O que é mais surpreendente, é que, depois de saber o que se tinha passado e me expectativa de que se tratasse de um episódio isolado ou que a possível debilidade de minha visão não alcançara, a infração continuou intacta, infutível, cruel, com sucessivas e repetidas entregas do mesmo género alimentar. Sorte daqueles que não foram contemplados com este presente suspeito.

Quem viveu este martírio, porventura ignorando o que sucedia neste estabelecimento prisional, sofre a dor de não poder partilhá-lo, a sua alma floresce como um áspero cacto gemendo de dor, enquanto o corpo dóia como o Inferno. Partilhavam comigo o desespero de impotência, o medo entranhado, o temor de serem cruelmente castigados, a angústia de represália, todos eles cofezes de agravar a sua perda como de condenados.

Outros, no limiar do horror, contavam comigo para ser a voz de esperança que, com rigor e conhecimento de causa, acrescentava ao poder de escrite os adjectivos e substantivos que revelariam a perigosidade e alcance de tais acontecimentos.

Outros continuavam agonizando, certos de que algo ~~era~~ estava errado, mas

Silenciando o que haviam descoberto, em nome das anunciadas reparações.
Outros, com o martírio em que as suas almas sangravam por estes factos, nunca viriam a descobrir este mistério.

Restava eu, sozinho, desamparado e indifeso, mas consciente de que era portador de uma missão importante: revelar e por termo a estes acontecimentos, responsabilizar quem se demitira das suas responsabilidades e deixavam que estes acontecimentos atentassem contra a saúde pública de inocentes.

Um misto de racional e emocional foi determinante para fazer esta revelação às autoridades competentes, incluindo a própria instituição profissional.
Portador de provas irrefutáveis, os próprios géneros alimentares, desde logo tentei, de forma modesta, colaborar no sentido que se fizesse justiça, se apurassem e identificassem os responsáveis, se fortificasse o circuito interno de inspeção de rigoroso controlo de qualidade no acto de aquisição e distribuição dos géneros alimentares.
Procurei respeitar o respeito pela Saúde Pública!

Peço a todos os homens e mulheres que, lendo esta mensagem me considerem um ser humano digno de respeito por distinguir o bem do mal e procurar a justiça o meio de viver com a sua consciência tranquila.

Peço a todos que fortifiquem o que de melhor tiverem dentro de vocês!

12/08/2013